

## **Pan-Africanismo e movimentos culturais negros**

Donizeth Aparecido dos Santos  
*Faculdade de Telêmaco Borba*  
*Telêmaco Borba - PR*

**Resumo:** Este trabalho apresenta, através de uma pesquisa bibliográfica, uma abordagem do Pan-africanismo, movimento político-social surgido nos Estados Unidos no final do século XIX, e a repercussão que ele teve no mundo negro africano, influenciando a criação de movimentos culturais negros nos Estados Unidos, Haiti, Cuba e França, bem como, um pouco mais tarde, contribuindo ideologicamente para a eclosão de movimentos políticos-culturais de descolonização na África. Inicialmente, o trabalho traz uma abordagem dos fatos históricos, do início do tráfico negreiro ao fim da escravatura em solo americano, que criaram as condições para a criação do Pan-africanismo; depois analisa o próprio movimento e, por fim, aborda o Renascimento negro norte-americano, o Indigenismo haitiano, o Negrismo cubano e a Negritude, movimentos culturais negros surgidos no século XX a partir da ideologia pan-africanista.

**Palavras-chave:** Pan-africanismo. Renascimento negro norte-americano. Indigenismo haitiano. Negrismo cubano. Negritude.

**Abstract:** This article presents, through a bibliographical research, an approach of the Pan-Africanism, a political and social movement which arose in the United States in the end of the 19th century, and the repercussion it had in the African black cultural movements in the United States, Haiti, Cuba and France, as well as, later, the ideological contribution to the outbreak of the political and cultural movements for Africa's decolonization. At first, the article presents an approach of the historical facts, from the beginnings of the slaves trading up to the end of the slavery in American land, which provided the conditions for the Pan-Africanism creation; then it analyses the movement itself, and finally it discusses the American Black Renaissance, the Haitian Indigenus, the Cuban Blackness and the Négritude, a black cultural movements appeared in the 20th century from the Pan-Africanism ideology.

**Key-words:** Pan-Africanism. american black Renaissance. Haitian Indigenus. Cuban Blackness. Negritude.

## **Introdução**

No final do século XIX surgiu nos Estados Unidos um movimento denominado Pan-africanismo. Esse movimento liderado por intelectuais negros nasceu no período de transição entre o final do comércio negreiro e da escravatura (praticados do século XV ao XIX) e o colonialismo, uma nova forma de dominação imposta pelas nações européias, principalmente sobre a África, que duraria até às últimas décadas do século XX.

O Pan-africanismo conseguiu unir a raça negra no plano psicológico, criando uma irmandade simbólica entre os negros de todo o mundo, que seria de grande importância no processo de descolonização das colônias européias em África e na luta dos afro-descendentes contra o preconceito racial. Mas, antes de abordarmos os seus principais objetivos e conquistas, vamos nos deter nos acontecimentos que propiciaram o seu surgimento, fazendo uma abordagem histórica do início do comércio negreiro até a abolição da escravatura em solo americano.

## **Uma diáspora forçada**

Basil Davidson (1981), em um minucioso estudo do período do tráfico negreiro, afirma que a África foi extremamente fértil no fornecimento de seus filhos para o desenvolvimento do mercantilismo europeu, iniciado com as descobertas marítimas de Portugal e Espanha e levado ao extremo após as entradas de Holanda, França e Inglaterra no vantajoso comércio transatlântico. Segundo ele, o comércio de cativos africanos, que desde o início revelou todos os sintomas de uma excepcional crueldade e devastação, tornou-se importante a partir de 1510, quando começou a ser praticado de forma massiva. Antes dessa data ocorreram somente carregamentos esporádicos. Esse mega e desumano comércio, chamado de Grande Circuito por Davidson, era praticado de forma triangular, envolvendo outros produtos cujos lucros eram todos revertidos para a Europa.

Assim começou o tráfico do Grande Circuito que iria dominar grande parte do comércio do mundo ocidental durante muitos anos. Este circuito consistia na exportação de artigos manufacturados de baixo preço da Europa para a África; na compra de escravos na Costa da Guiné e no transporte para o outro lado do Atlântico; na troca destes escravos por numerais e géneros alimentícios nas Índias Ocidentais e nas Américas; e, finalmente, na venda dessas matérias-primas e víveres na Europa. (DAVIDSON, 1981, p.75).

O autor observa que seria com base nos lucros regulares e por vezes fabulosos proporcionados pelo comércio do Grande Circuito que França e Inglaterra iriam construir a sua supremacia comercial, esta última, em consequência dessa expansão econômica, obteria condições para realizar uma revolução industrial. Não iremos discutir aqui, por escapar aos nossos objetivos, o fato de a Inglaterra ter comandado uma campanha contra o

comércio negreiro e a escravatura quando estes se tornaram obstáculos aos seus objetivos comerciais. O intuito é traçar um painel da desumanidade desse comércio e o peso que ele teve na consolidação das principais economias ocidentais, e especialmente a importância que essa imigração forçada teve na formação das nações da América e o papel decisivo que a diáspora africana exerceu na conscientização dos negros em África, que os levaria a desencadear o processo de descolonização das colônias europeias em território africano na segunda metade do século XX.

Quanto ao número exato de filhos da África imigrados forçadamente para as três Américas, Davidson acredita que a resposta correta ninguém sabe e nem jamais virá a saber porque as fontes necessárias para essa resposta perderam-se ou talvez até mesmo nunca tenham existido. Segundo ele, o máximo que se pode fazer é tentar elaborar uma estimativa a partir de dados confusos e incompletos. Observando a disparidade de opiniões sobre a questão, afirma que alguns autores moderados calculam em 15 milhões as vítimas do tráfico negreiro, outros consideram que o número seria algo em torno de 50 milhões e há aqueles que pensam que o número é muito mais elevado. De modo sensato, exprimindo sua opinião pessoal, acredita que esse comércio custou à África no mínimo 50 milhões de indivíduos. Entre aqueles que calculam um número muito mais elevado está Joseph Ki-Zerbo (1972), que, partindo da afirmação de W. E. B. Du Bois que cerca de 15 milhões de negros foram vendidos às terras do novo mundo, calcula que por cada escravo que chegava à América morriam quatro no trajeto, perfazendo um total de 75 milhões.

Ressaltando a desumanidade do tráfico negreiro, Ki-zerbo (Ibid.) observa a cruel separação das mães e seus bebês (que geralmente eram atirados às feras) realizada antes do embarque, e Davidson (Op.cit.), com base em depoimentos históricos pesquisados por ele, cita uma passagem que nos confirma o caráter horrendo desse comércio e comprova o porquê da alta taxa de mortalidade dos africanos na travessia do Atlântico:

Em 1829, um inglês de nome Walsh embarcava no Brasil numa fragata britânica, a North Star. Algures no Atlântico perseguiram e fizeram parar um navio negreiro. Walsh foi a bordo e, mais tarde, descreveria o que ali viu - os horrores habituais da Passagem Média. A carga do navio negreiro era composta por quinhentos e cinco homens e mulheres - a tripulação já tinha atirado ao mar cinquenta e cinco durante os dezassete dias de viagem - e estes escravos estavam todos fechados sob as escotilhas gradeadas, entre tombadilhos. O espaço era tão pequeno que estavam sentados entre as pernas uns dos outros, e de tal modo apertados que não tinham qualquer possibilidade de se deitarem ou de mudarem sequer de posição, nem de dia nem de noite. Como pertenciam e tinham sido despachados por conta de donos diferentes estavam todos marcados, como carneiros, com os estigmas dos seus vários donos. Estas marcas estavam gravadas sob os seios ou nos braços e, segundo a informação perfeitamente indiferente do imediato, tinham sido aplicadas com ferros em brasa...

Wash verificaria que muitos destes objectos marcados a ferro quente apenas dispunham de uns trinta centímetros quadrados de espaço para se sentarem, não

tinham qualquer possibilidade de se levantarem e só recebiam limitadíssimas rações de água. Wash ficou muito impressionado, mas os seus companheiros navais, que tinham passado tanto tempo na costa de África e que já haviam visitado tantos navios no decurso das suas patrulhas antiesclavagistas, disseram que aquele negreiro era um dos melhores que tinham visto. Nos porões, os escravos, quando sentados, dispunham apenas de um metro de altura acima do plano dos ombros, e algumas vezes, segundo disseram a Wash, essa altura quase não atingia meio metro; e geralmente, durante a travessia do Atlântico, os escravos iam acorrentados pelo pescoço e pelos pés, o que não acontecia com aqueles.

Cenas destas eram freqüentes. E, na altura em que Walsh embarcou no Brasil, já havia perto de trezentos anos que ocorriam, mês após mês. Esta era a degradação física resultante do comércio negreiro. (DAVIDSON, 1981, p. 8-9)

Os sobreviventes desse holocausto negro seriam essenciais na construção de novas nações no novo mundo. Embora os louros tenham ficado com os colonizadores brancos europeus, foram os escravos africanos que pagaram o preço mais alto do grande desenvolvimento econômico alcançado pelos Estados Unidos, que já no século XIX tinha o *status* de uma grande nação comparável às européias. Também foram eles os principais construtores das nações do Caribe, Brasil, Colômbia, Peru e Equador, e tiveram participação ativa na história de outros países das três Américas. Mas, mesmo com toda a importância que tiveram, só muito tarde (mais de trezentos anos depois do início do tráfico negreiro) começaram a ser libertados.

Depois de abolida a escravatura em todo o continente americano (o Brasil foi o último a fazê-lo em 1888), o negro só teoricamente era considerado cidadão de seu país. Na verdade, ele continuava sob um novo modelo de escravidão. Nos Estados Unidos, país onde nasceu a reação negra que se propagou por todo o mundo, o indivíduo de cor negra não era reconhecido como elemento de fundamental importância no processo histórico de construção social e nacional, e ainda era cerceado em seus direitos essenciais de cidadão norte-americano, não usufruindo dos mesmos direitos dispensados aos seus compatriotas de pele clara e sem manchas de sangue negro em suas árvores genealógicas, tendo assim que se enquadrar numa ordem social em que havia escolas, restaurantes, cemitérios e igrejas de um tipo para os brancos e de outro para os negros. Essa divisão social determinada pela origem racial colaborava para a manutenção da antiga relação entre o senhor (branco) e o escravo (negro).

Por essa época também estavam em voga as famosas teorias extremamente racistas que tentavam comprovar cientificamente a superioridade da raça branca sobre as demais (principalmente a inferioridade do negro africano frente ao branco europeu), visando camuflar, segundo Kabengele Munanga (1986), os objetivos econômicos e imperialistas das grandes nações européias, justificando-se assim a escravização e a colonização dos povos por eles considerados inferiores. Para os defensores dessas teorias (Teoria Poligenista, Darwinismo Social, entre outras), o progresso estaria restrito às sociedades formadas por elementos de raça branca pura, como a

ariana, enquanto que os negros, amarelos e miscigenados eram tidos como incivilizáveis e sem a menor possibilidade de desenvolvimento sócio-cultural e científico. Nesse período, segundo Thomas Skidmore

a teoria de que o ariano (ou anglo-saxão) tinha atingido o mais alto grau de civilização e estava, em conseqüência, destinado, deterministicamente, pela natureza e pela História, a ganhar o crescente controle do mundo – era sustentada por bem elaboradas monografias históricas. (SKIDMORE, 1976, p.68).

Essas teorias, segundo Jean-Paul Sartre (1974, p.23), “[...] contribuíram para manter o [falso] humanismo burguês: todos os homens são iguais, *exceto* os colonizados, que de homem só tinham a aparência [...]”, e serviram para legitimar o discurso colonial que apresentava “o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” (BHABHA, 1998, p.414).

### **A reação pan-africana**

Foi contra essa ordem histórico-racial-social que os principais integrantes do movimento Pan-africano se insurgiram, propondo (muitas vezes com idéias divergentes) a união de toda a raça negra contra o preconceito a que estavam submetidos. Conforme Georges Balandier (1964, p.224-225), o negro depois de ter sofrido uma fiscalização que negava o valor de sua cultura e sua capacidade de iniciativa, sente uma poderosa necessidade de afirmação, e assim procura fazer-se reconhecer como sujeito da história depois de ter sido durante um longo tempo um instrumento manejado por mãos estranhas.

Segundo Elisa Larkin Nascimento (1980, p.73), o Pan-africanismo foi a teoria e a prática da unidade essencial do mundo africano, reivindicando a unificação da África e a aliança concreta e progressista com uma diáspora unida. O movimento era constituído por parte daquele “[...] número surpreendente de intelectuais negros [...]” formado nos Estados Unidos, conforme observação feita por Antonio Gramsci (1982, p.20), e que poderiam, segundo o pensador italiano, exercer (como de fato exerceram) grande influência sobre os negros africanos.

De acordo com Pires Laranjeira (1995), Edward Blyden foi o primeiro a falar de uma *african personality* em uma conferência em maio de 1893, tornando-se o iniciador do mito africano (ou recuperação do orgulho da raça). Elisalva Madruga (1998), amparando-se numa citação de Abiola Irele, define a *african personality* como não só o temperamento do africano mas também, e sobretudo, o fundamento na cultura e na civilização africana, da personalidade coletiva dos negros espalhados por todo o mundo, e afirma que para isso Blyden propunha o retorno à Mãe-África.

Para Willian E. B. Du Bois, considerado o pai do Pan-africanismo, “[...] a afirmação do negro não passa pelo retorno ao continente africano, mas pela integração na vida americana, onde há tempo vivia, contribuindo para

seu desenvolvimento.” (MADRUGA, 1998, p.59). Desse modo, para ele, o retorno à Mãe-África era apenas simbólico, representando um retorno às origens africanas. Mas, segundo Laranjeira (1995), Du Bois ampliaria alguns de seus conceitos ao ser influenciado por algumas idéias de Blyden, que o fariam derivar para um tipo de Pan-africanismo pan-negrista que adotava “[...] o reconhecimento da identidade negra, na sua realização nacional, integrada, assimilada à nação (no caso norte-americano), solidária com os africanos ou a restante diáspora fora de África.” (Ibid., p.51). Du Bois foi o organizador dos cinco congressos do Movimento Pan-africano: Paris (1919), Londres (1921), Londres (1923), Nova York (1925) e Manchester (1945).

Ainda conforme Pires Laranjeira (Ibid.), Sylvester Willians foi quem lançou a idéia de solidariedade fraterna entre africanos e povos de ascendência africana; seu sobrinho George Padmore foi o responsável pela expansão do movimento em direção à África e Marcus Garvey foi quem causou mais alvoroço entre a população negra norte-americana, arrastando multidões de seguidores e conquistando o posto de líder do Pan-africanismo frente à opinião pública. Segundo Maria Carrilho (apud MADRUGA, 1998, p.60), ele “[...] conseguiria atrair milhares de negros, de Harlem e de todo o país, explicando-lhes que nos Estados Unidos jamais obteriam a igualdade: a terra prometida era uma vez mais a África-Mãe, para onde era preciso partir em conjunto.” Esse retorno à terra prometida é visto por Salvato Trigo (1977, p.103) como “[...] um símbolo de libertação e da morte de todo o sofrimento social [...]”, e por Stuart Hall (2003, p.29), como uma metáfora em que a história “é representada como teleológica e redentora [...]”, circulando de volta à restauração de seu momento originário, curando toda ruptura e reparando cada fenda através desse retorno.

Ainda em relação a Garvey, Laranjeira (1995) acrescenta que, com essa idéia quixotesca, megalomaniaca e demagoga, ele fundou uma companhia de navegação, comprando dois navios velhos, nos quais chegou a transportar alguns negros norte-americanos para a Libéria, na época o único país africano independente. Mas enquanto doutrina, o seu Pan-africanismo não teve saída, embora tivesse sido de grande importância na conscientização dos negros da época. Elisalva Madruga, em conformidade com Maria Carrilho, observa que, ainda que o movimento de Garvey não tenha sobrevivido,

[...] as suas idéias, fundamentadas no pensamento de Blyden, bem como as de Du Bois, ficaram a vibrar como acordes no meio americano e, alguns anos depois, surgirá no Harlem uma nova geração de negros empenhados na reabilitação da raça negra, da qual resultará, por volta dos anos 20 e 30, o Harlem Renaissance ou Negro Renaissance. Movimento do qual participarão, entre outros poetas, Countee Cullen, Langston Hughes, nomes tão recorrentes na poesia angolana. (MADRUGA, 1998, p.60).

Desse modo, através das idéias por vezes divergentes de seus principais líderes, que se dividiam entre aqueles que propunham um retorno apenas simbólico à África como uma forma de se reencontrar com as origens

africanas, e aqueles que propunham um retorno físico de todos os negros em diáspora ao continente africano, mas que comungavam do mesmo sentimento de irmandade da raça negra, o movimento Pan-africano foi o responsável pelo surgimento de diversos movimentos culturais que, ao longo do século XX foram de grande importância para a afirmação da arte negra, principalmente a música e a literatura, bem como para o desenvolvimento de uma conscientização político-social em afro-descendentes e africanos.

### **Movimentos culturais negros**

O Renascimento Negro norte-americano<sup>1</sup> surgido na década de 20 foi a primeira manifestação cultural pan-africana. Segundo Zilá Bernd, no Harlem (bairro nova-iorquino de população negra) dos anos 20 havia uma população estimada em 300 mil negros que não tinha deixado morrer as formas artísticas herdadas de sua ancestralidade africana:

Surge o Negro Renaissance, ou Renascimento Negro, que, como o nome indica, pretendia fazer reviver a autoconsciência do negro americano, propondo não uma utópica volta à África, mas uma redefinição do papel do negro em solo norte-americano. Entre os articuladores do movimento estão hoje os muito lidos e traduzidos escritores norte-americanos Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wright, entre outros, que passaram a fazer da denúncia da situação de discriminação e de opressão econômica de que eram vítimas sua temática obsessional. (BERND, 1988, p.23).

A literatura dos escritores do Renascimento Negro (principalmente a do poeta Langston Hughes) percorreu todo o mundo negro, servindo como base para a eclosão de outros movimentos similares na América (Indigenismo haitiano e Negrismo cubano) e na Europa (Negritude), enquanto que a música negra norte-americana do período saía do seu reduto e conquistava outros espaços (principalmente a Europa), dando a oportunidade aos negros de todo o mundo de se sentirem orgulhosos ao verem seus irmãos de raça vencendo as barreiras impostas pelo racismo. O poeta (e depois presidente angolano) Agostinho Neto comenta essa euforia causada pela descoberta da irmandade africana que causava o orgulho da origem e a solidariedade entre os negros de todo o mundo:

Quando a música negra americana invadiu os salões da Europa, os negros de todo o mundo sentiram com os seus irmãos americanos a alegria de poderem ser ouvidos, mesmo através do trompete. Os murros de Joe Louis foram aplaudidos em todo o mundo negro. Porém, mais importante do que estes factos é o sentimento de solidariedade e de comunidade que existe entre os negros de todo o mundo. Este mundo disperso pelas Américas, Europa e África, formado fora e dentro de África por indivíduos desenraizados dos seus povos e das suas culturas, mestiços culturais, portanto, vivendo marginalmente na civilização europeia, descobriu-se a si próprio. (NETO, 2000, p.16).

---

<sup>1</sup> O movimento também é conhecido pelos nomes de *Black Renaissance*, *Harlem Renaissance* e *New Negro*.

Do solo norte-americano, a ideologia pan-africanista vinculada a uma arte político-social chegou ao Caribe, onde surgiram movimentos similares ao Renascimento Negro, primeiro no Haiti (Indigenismo haitiano) e depois em Cuba (Negrismo cubano), até atingir a Europa, onde por volta de 1934, em Paris, três estudantes negros oriundos de colônias francesas: Aimé Césaire da Martinica, Leon Damas da Guiana e Leopold Sedar Senghor do Senegal, criaram a Negritude.

O Indigenismo surge no Haiti em 1927 em torno da revista *La Revue Indigène*, que editou seis números até 1928. Segundo Zilá Bernd (1987, p.52), o movimento Indigenista, que nasceu sob a inspiração do Renascimento negro norte-americano, não foi um simples eco de seu predecessor. Amparando-se em Jahn, a autora afirma que o Indigenismo haitiano foi mais sensível à vida popular afro-americana, resgatando, por exemplo, o culto do vodu, proibido e marginalizado pelo colonizador por considerá-lo bárbaro e primitivo. Numa outra obra, Bernd (1988, p.26-7) observa que os povos indígenas (Caraíbas e Arauaques) que habitavam não só o Haiti mas todo o Caribe foram totalmente dizimados pelo conquistador, e assim o termo indígena passou a designar a herança cultural africana, e desse modo, o Indigenismo pregava o retorno à cultura autóctone e popular, valorizando os falares crioulos e o vodu. Comentando o programa do movimento, Pires Laranjeira declara:

O programa do Indigenismo (da autoria de Normil Sylvain, um nome desconhecido no exterior da ilha) propunha a reconstrução da imagem do negro, o inculcar nos haitianos o sentimento de orgulho na raça, o retomar dos pensadores tradicionais o legado capaz de funcionar como modelo de acção para uma *doutrina original*, que permitisse reaver os valores da herança africana na sociedade haitiana. Sendo negra a esmagadora maioria da população do Haiti, o Indigenismo significou valorizar o conceito de *indigène*, atribuído ao negro, e também o de *griot* (uma espécie de goliardo ou menestrel de sentido algo pejorativo), visto que os vestígios da cultura pré-colombiana se tinham esfumado com o genocídio dos índios desde os primeiros momentos da colonização. (Op. cit., p.33 ).

Outro movimento de grande importância foi o Negrismo cubano. Tendo a sua frente o poeta Nicolas Guillén, cuja poesia teve uma repercussão pelo mundo negro comparável a do norte-americano Langston Hughes, o movimento, inspirado em parte no Renascimento Negro norte-americano e com afinidades com o Indigenismo haitiano, surge em 1930 quando Guillén “ [...] publica *Motivos de son*, a obra que revoluciona a poesia cubana, afastando-a em definitivo, da subserviência em relação aos modelos europeus [...] ” (Id. Ibid., p. 37), produzindo segundo R. F. Retamar (apud. LARANJEIRA, *ibid.*), um corte artístico radical. De acordo com Pires Laranjeira (Ibid., p.36), a ideia de Negrismo “ [...] consistiu no trabalho poético a partir da linguagem e das culturas crioulas (musical e folclórica), populares, mestiças, nacionais.” Zilá Bernd (1987, p.52), observando que ao contrário do Haiti, em Cuba os negros consistem em uma minoria, acrescenta que para essa minoria “ser

cubano autêntico passa a ser reivindicar sua parte de cultura negra, o elemento fundamental que o distingue do europeu[...]”, e isto é para a la o Negrismo cubano.

A poesia foi o gênero literário predominante no Negrismo cubano enquanto que no Indigenismo haitiano foi a prosa.

Quanto à Negritude, ela foi o ápice do grito de revolta contra a discriminação racial, a assimilação cultural e o colonialismo, que naquele momento histórico afetava os negros de todo o mundo. Benedita Damasceno define a criação do movimento como:

Uma forma de recusa à pura assimilação da cultura européia por parte de intelectuais negros africanos, antilhanos, e outros, em detrimento de sua própria identidade cultural, e como uma tentativa de retorno às tradições e valores primordiais da raça negra; era uma tentativa de corrigir as distorções observadas pelos intelectuais neo-africanos entre a cultura que lhes era imposta e a sua própria realidade circuncidante e impedir a desagregação de sua unidade cultural. (DAMASCENO, 1988, p.12).

Zila Bernd (1988, p.17) observa que a Negritude foi definida por um de seus mentores, o poeta Aimé Césaire, “[...] como uma revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo.” A autora lembra que a palavra *negritude* em francês possui “[...] uma força de expressividade e mesmo de agressividade que se perde em português, por derivar de *nègre*, termo pejorativo, usado para o negro, uma vez que existe a palavra *noir* [...]”, acrescentando que a idéia dos poetas negritudinistas “[...] foi justamente assumir a denominação negativamente conotada para reverter-lhe o sentido, permitindo assim que a partir de então as comunidades negras passassem a ostentá-la com orgulho e não mais com vergonha ou revolta.” Um pouco mais tarde, segundo Kabengele Munanga (1986, p.44), Aimé Césaire iria redefini-la em três palavras: identidade (o assumir-se negro com orgulho), fidelidade (a ligação permanente com a Mãe-África) e solidariedade (o sentimento de união e identidade comum entre todos os negros).

Apesar de alguns equívocos, a Negritude como movimento poético-cultural e político-social desempenhou um importante papel histórico, de vital importância no processo de descolonização das colônias européias em África, levado a cabo no período pós-guerra (a partir de 1945), na emergência e consolidação de literaturas de países africanos e literaturas afro-descendentes e também como instrumento de conscientização do negro em diáspora, através da desconstrução de estereótipos seculares atribuídos a ele, levando-o à construção de uma nova identidade e à reivindicação dos direitos a ele negados durante séculos.

## **Conclusão**

Esses movimentos culturais, todos eles tributários do Pan-africanismo, tendo como matérias-primas a exaltação e o orgulho da raça, a fidelidade à

origem africana (simbolizada pela Mãe-África) e a solidariedade, construíram as pontes que tornaram possível o trânsito cultural e a partilha de informações e experiências entre esse mundo disperso pelas Américas, Europa, e África, referido por Agostinho Neto, levando a todos os continentes essa nova maneira de ser negro, que seria de fundamental importância, principalmente para os países africanos que na época estavam assolados pela terrível noite colonial, e também para o desenvolvimento de uma consciência negra em países como Brasil, cujo preconceito velado fazia transparecer uma democracia racial.

## Referências

- BALANDIER, G. *África ambígua*. Buenos Aires: Sur, 1964.
- BERND, Z. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- DAMASCENO, B. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes, 1988.
- DAVIDSON, B. *Mãe negra África: os anos de provação*. Trad. Antonio Neves Pedro, Lisboa: Sá da Costa, Luanda: Ministério da Educação da República Popular de Angola, 1981.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4 ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine la Guardiã Resende [et. al.] Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- KI-ZERBO, J. *História da África negra I*. Trad. Américo de Carvalho. Viseu: Biblioteca Universitária, 1972.
- LARANJEIRA, P. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.
- MADRUGA, E. *Nas trilhas da descoberta (repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana)*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1988.
- MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- NASCIMENTO, E. L. *Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: IPEAFRO, 1981.
- NETO, A. Introdução a um colóquio sobre poesia angolana. In.: LARANJEIRA, P. (org.). *Negritude africana de língua portuguesa: textos de apoio (1947-1963)*. Braga: Ângelus Novus, 2000.

SARTRE, J. P. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Paulo de Góes. São Paulo: Ática, 1974.

SKIDMORE, T. E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TRIGO, S. *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*. Porto: Brasília, 1977.